



1ª Sessão

3 de abril de 2002

sinopse por Andréa Naccache

O tema proposto por Jorge Forbes para o seminário do primeiro semestre de 2002 - Inconsciente e Responsabilidade - não lhe é novo. Faz parte de uma elaboração a que chegou há 4 ou 5 anos, passível de ser sintetizada em duas palavras: *sentido* e *conseqüência*.

Antes de tudo, trata-se de mostrar que há limite ao sentido. A preocupação anunciada de Forbes é fazer notar que "Freud não explica!". Continuar a experiência de Freud não é proliferar mais sentidos sobre o mal-estar do homem, é dizer basta à euforia de sentido.

Nos primeiros dias de abril de 2002, foi assunto um pediatra acusado de sedução e corrupção de menores. Forbes lamenta que, em defesa desse médico, haja sido explicado que ele foi "seduzido por seu pai". Será em manifestações como esta que se reconhece o sucesso e a influência da psicanálise hoje? – pergunta-se. Caso seja, é uma má influência: o recurso à psicanálise para irresponsabilizar o ato da pessoa.

É, no entanto, o que se vê acontecer. É evidente, desde o atentado às Torres Gêmeas, quando os psicafins armaram suas barraquinhas na calçada, oferecendo-se para receber quem perdeu seu referente: "sente aqui e fale que, 'em nome de Freud', restituirei o sentido de sua vida".

Desse modo, o sucesso da psicanálise será seu fracasso (Miller). A insistência em dar sentido a tudo é o avesso da proposta psicanalítica. Num primeiro momento, Freud ocupou-se, sim, em dar à histeria um sentido a partir da memória recalçada. No fim da investigação de Freud, porém, uma constatação: algo resiste ao sentido. Lê-se nas páginas finais de "Análise Terminável e Interminável".

Frente a este *fora de sentido* que se impôs à psicanálise, Forbes sustenta que não se trata de esperar interpretação, mas conseqüência - é a responsabilidade psicanalítica, como desenvolvida por ele.

Não é óbvia a ligação entre inconsciente e responsabilidade. Na história da psicanálise, estiveram vinculados como alternativos, à maneira jurídica da responsabilidade penal: a pessoa responde pelo que lhe é consciente.

Já não é assim. Desde que é necessário enfrentar o *fora de sentido*, diz Forbes, "sou responsável pelo que não sei". Afinal, todos têm algo mais forte que si, e, logicamente, então, não é possível requerer desculpas em nome deste algo "mais forte". Estamos todos sujeitos à batalha de tratar do que é mais forte que nós, e Lacan reserva o predicado de *covarde* àquele que se dispensa de responder por isso.

Para oferecer outra perspectiva do mesmo fundamento de responsabilidade, Forbes evoca a frase de Caetano: "de perto, ninguém é normal". Podemos conferir muitos títulos, diz Forbes, mas não o de sanidade mental. O que fez o suposto pedófilo, além do horror do fato em si, apavora porque nos remete à insanidade humana.

Então, em "Inconsciente e Responsabilidade", trata-se do limite do sentido. O analista leva o analisando a assumir a consequência por aquilo que, em sua vida, sempre escapa ao sentido. Isto implica inventar um sentido onde não há, *sem a ajuda do pai*. Usualmente, tanto na tradição religiosa quanto na psicanalítica, segue-se o caminho do Pai.

A psicanálise hoje está além do Pai, e, portanto, além do Édipo. Se ela não ultrapassar os impasses edípicos - insiste Forbes - não dará conta dos sintomas atuais que estão além dessa chave de interpretação.

No seminário *Encore* (traduzido *Mais, ainda*, de 1973) Lacan anunciou um Novo Amor. Evidenciou, para o nosso tempo, a possibilidade de um novo laço social que não se dá "em nome do Pai", uma mudança radical no modo como uma pessoa ama.

Neste novo paradigma, Forbes sustenta que psicanálise se mostra simples, e afirma: "Lacan é de uma clareza absoluta". Com o término da época de cientificização da psicanálise iniciada por Lacan em seu primeiro ensino, ela se reduz, cada vez mais, a sua práxis [1] - valendo pensar que talvez os seminários, no futuro, serão pura discussão sobre a psicopatologia do cotidiano ou casos clínicos. Por isso, o rigor em psicanálise é muito diferente do científico. Para Forbes, ele é o privilégio da práxis, o *exercício da práxis em qualquer lugar*.

Miller, nas suas Cartas, fala em "reeducação freudiana francesa" como um projeto a conduzir. Forbes propõe, paralelamente, a necessidade de reinscrever a psicanálise no Brasil. Reeducação, em Miller, seria mostrar a práxis da psicanálise na sua essência. Assim, aponta para a distinção que Lacan ousou formular, mas não publicou: "A Psicanálise Verdadeira e a Falsa" (texto de Lacan agora publicado nos *Autres Écrits*).

Com a distinção, emerge o tema do Um da psicanálise, que é preciso localizar "para que possamos nos posicionar" quando as teorias psicanalíticas são pensadas, todas, como metáforas (assim as concebeu o antigo presidente da IPA, Wallerstein). A IPA tem admitido diversas concepções teóricas para a psicanálise, e isto é o que tem permitido que os analistas se suportem todos numa mesma sala, apesar das divergências.

Na perspectiva lacaniana, ao contrário, Forbes antecipa no futuro uma *clínica do cotidiano*. Diz: "nós" - da Orientação Lacaniana, no Brasil, da EBP - pensamos que a psicanálise não deve ser tida como tradição, nem como ciência.

A referência é a primeira aula do seminário de 2001/2 de Miller, datada de 14 de novembro de 2001. Nela, Miller relata que Lacan trabalhou com dois antagonismos: ciência e tradição; tradição e origem.

Ciência e Tradição

Na contracapa dos Escritos, está registrada a disposição de Lacan a cientificar a psicanálise, trazê-la às luzes (com referência ao Iluminismo), e dar vez à razão no lugar do sentimento. Lacan opunha-se à interpretação analítica realizada na base do: "eu sinto que você...", uma interpretação que leva à adaptação. Fez, com isto, uma crítica à psicanálise do ego (em "A direção do tratamento e os princípios de seu poder", nos *Escritos*).

Foi o primeiro momento de Lacan: da cientificização do significante, e então da prática (em "A Instância da Letra no Inconsciente", *Escritos*, Lacan aponta para o peso científico que poderia ser conferido à descoberta da associação livre desde Saussure). Assim, opunha-se à tradição freudiana representada pela IPA, da qual foi expulso. Com a cientificização da prática, houve clareza quanto ao que se espera da psicanálise: a retificação subjetiva na entrada, e a travessia do fantasma no final da análise.

Forbes identifica este momento do ensino de Lacan como o do império do simbólico sobre o real, em que o resíduo de real não recoberto pela teoria analítica, como um resto de equação, deveria ser desprezado. Após 1970 não é mais assim. O importante passa a ser o resto - sobre ele temos que ter consequência. A singularidade obtida em cada tratamento afasta o ideal científico.

Em ocasião oportuna para seu seminário, duas publicações de psicanalistas trouxeram a Forbes a constatação de que as orientações psicanalíticas fazem-se, de fato,



diversas. Ele apresenta dois artigos e mostra como cada um deles faz apelo, respectivamente, à tradição e à ciência, como suportes da prática.

O primeiro foi escrito à *Folha de São Paulo* da véspera (p. 3), por Márcio Giovanetti, presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e amigo de Forbes. Giovanetti propõe o problema de uma proliferação daqueles que “inescrupulosamente” apresentam-se como terapeutas ou analistas à população, e atribui este problema à inexistência de um organismo oficial de regulamentação da psicanálise. Deixa marcado no artigo o tom de seriedade e complexidade da formação que se realiza na IPA, que tem duração mínima de 5 anos, destacando a função de garantia desta formação. Giovanetti faz apelo às outras associações psicanalíticas para que se mobilizem quanto ao problema.

Forbes mostra que, com sua proposta de “organismo oficial regulamentador”, Giovanetti associa regras da medicina à psicanálise (uma “habilitação” do analista). Mas o título de médico, diz Forbes, não previne a insanidade (com referência ao caso da semana). Acrescenta: Márcio quer título de sanidade ao analisado. Tampouco esse título é garantia: há livro de Helena Besserman Vianna (*Não conte a ninguém: contribuição à história das sociedades psicanalíticas do Rio de Janeiro*, Ed. Imago, 1994) relatando o caso de Amílcar Lobo, um médico em formação pela IPA e em processo de análise didática com Leão Cabernite, que, além de atuar em consultório, integrava um dos esquadrões do Exército brasileiro no período militar, participando da tortura de presos políticos no Rio de Janeiro. O recurso à tradição – a transmissão de títulos que remontam a Freud – nada garante, afinal.

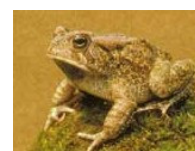
Como apelo à ciência, por outro lado, Forbes apresenta o artigo de Manoel Berlinck à *Revista Pulsional* (n. 152, de dez/01 e jan/02), intitulado “Entropia Negativa”. Neste artigo, Berlinck sustenta um aumento na complexidade da psicanálise desde Freud, com o surgimento de novos sintomas - uma complexidade que exige adensamento da psicopatologia. Forbes concorda com a idéia de que haja atualmente novos sintomas com que é preciso lidar, mas discorda da solução proposta. Berlinck propugna pela submissão dos trabalhos realizados no meio psicanalítico a instituições - a universidade e as agências de fomento à pesquisa (como FAPESP, CNPq) - para que se garanta a cientificidade dos desenvolvimentos teóricos realizados. Assim, um pesquisador submeteria seu trabalho à aprovação de seus pares ocultos. Forbes enfatiza que a psicanálise toma os analistas sempre um a um, e nunca como pares, num pensamento *standard* que refletiria a noção de utilidade. Berlinck sustenta a identificação do profissional pautada pelo meio acadêmico, e relata que Freud, desde que passou pela universidade, adotou um “P.” diante de seu nome, como “Professor”, que não abandonou mesmo após afastar-se da instituição.

Forbes rejeita esta proposta de que a psicanálise tome suporte na ciência, do mesmo modo como afasta o assento na tradição. Propõe que a psicanálise se afirme pela psicanálise, e mostre diretamente às instâncias sociais o que faz o analista. Insiste que o analista se suporte não de um “P.”, mas, como quiseram Freud e Lacan, de sua própria análise.

Tradição e Origem

A tradição, conclui Forbes, edulcora a origem, a recobre. Assim ela resta como o que “é melhor não dizer”. Em psicanálise não se trata, portanto, de fazer tradição, mas sim de recuperar a origem. Por isso, a experiência da origem não pode ser guardada em silêncio, é preciso - Forbes é enfático na expressão - “fazê-la passar no mundo”.

^[1] Uma das passagens do texto parcialmente citada por Forbes: “quando falamos em causa, sem adjetivos, entendemos a antiga causa eficiente, aquela que gera efeitos. Isto permite, em primeiro lugar, descobrir as causas do mundo que temos diante de nós. A palavra objeto significa isso: que as coisas sejam colocadas (*jeté*) à nossa frente (*ob*). Passamos a vê-las, a olhá-las, a tratá-las como decifráveis. E isso permite, em segundo lugar, uma vez desvendado o mecanismo de causa e efeito, que também causemos os efeitos que desejemos. É essa a articulação entre ciência e tecnologia, hoje mais forte do



que nunca, e que começa com a modernidade. A objetividade no conhecimento é condição para a eficácia na ação, mas ação num sentido muito específico, que é o de produção ou fabricação.

*Arendt tem páginas interessantes a esse respeito. Lamenta que tenha passado para segundo plano outro sentido que tem a ação entre os gregos, que era o de ação recíproca entre os humanos, ou práxis. A ação que o mundo moderno celebra é mais que tudo a fabricação de coisas ou de objetos, não a relação entre seres humanos". E noutra momento: "a recusa da separação entre sujeito e objeto é o que constitui as ciências humanas (e é curioso que o afirme justamente Lévi-Strauss, um dos mais matematizantes dos cientistas sociais...). Finalmente, é por isso que uma ética estará estreitamente vinculada a essas ciências. E isso remete ao que dizíamos, citando Hannah Arendt, sobre a práxis. Essa palavra provém do verbo grego *prattein*, que indica a ação sobre seres humanos, isto é, uma ação que presume a igualdade e implica a reciprocidade".*

